

Anderson Pires da Silva

O EDIFÍCIO
DANTE

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

HORROR SOCIAL



PRÓLOGO

Inaugurado em 21 de abril de 1960, no mesmo dia em que o mundo conhecia *Brasília*, o *Edifício Dante* representava o espírito da *Bossa Nova*, um novo jeito de viver, ainda hoje símbolo de modernidade, luxo e tradição.

Situado no número 1472 da *Avenida Renascimento*, com a beleza misteriosa da *Floresta Crepuscular* ao fundo, conhecido como o *Dakota brasileiro*, pois assim como o famoso edifício de *Manhattan*, o *Edifício Dante* já foi residência de importantes chefes de estado, celebridades nacionais e estrangeiras.

Ao cruzar o portão de entrada, o visitante logo se espanta com o jardim, a sensacional piscina de água escura, reproduz a *Lagoa do Abaeté*, na paradisíaca Bahia, imortalizada na canção de Dorival Caymmi. A seguir, o espanto do visitante aumenta ao ver as três esculturas em bronze que adornam o *hall*, obra do genial escultor futurista italiano Forense Donati: um *Leão* simbolizando a força, uma *Loba* simbolizando a astúcia e uma *Pantera* simbolizando a elegância.

Venha! Surpreenda-se diante do magnífico estilo arquitetônico de Leonardo Giotto, o fantástico arquiteto responsável



pela realização do que a imprensa, há época de sua inauguração, consagrou como “um sonho de modernidade”, que ainda brilha tão radiante aos nossos olhos contemporâneos. Nove andares, a combinação perfeita de tradição e vanguarda. Apartamentos de 60 m², 120m², além da cobertura duplex de 300m². E mais, no térreo, uma moderníssima sala de conferências, com 666 lugares, equipada com tecnologia de última geração.

Venha conhecer o nosso decorado. Aguardamos a sua visita. Deixe para trás toda a espera, entre e não se arrependa.



A GREVE

— Celestino.
— ...

— CELESTINO!

— O quê?

— Está surdo?!... Paraíba do caralho!

— Desculpe, patrão, o que foi?

— São 9h, e você ainda não limpou a piscina!

— Já estou fazendo.

“Já estou fazendo, já estou fazendo, vai lá cachorrinho... E por que o chamou de *patrão*?”. Sim. Por quê? Ele não é meu patrão. “Isso! Ele é o porteiro”. Um crioulo de merda. Anastácio. Se acha artista. “Ele canta bem”. Mas não é melhor do que ninguém porque usa uma calça apertada e rebola em cima de um palco. “Você sabe quem gosta, não é?” É ele quem devia tá aqui, limpando a merda dessa gente metida.

— Então, Celestino, vai ficar aí parado olhando para a minha cara? Daqui a pouco os moradores descem para a piscina e você ainda não a limpou!

— Estou indo.

— Então, vai!

Vai se fuder, seu preto viado. “É isso mesmo, quem ele pensa que é?” Seus parentes chegaram aqui acorrentados e ele quer me dar ordens? “Não é!” Olha para minha cor, olha para a dele. “Onde já se viu?” Eu não sou negro para ser tratado como um escravo. “Pela porra de um preto safado!” E nem pelos moradores. “Muito menos pelo síndico”. Ainda mais sendo branco como sou. Sujeito arrogante, doutor Felipe. Só porque é médico, não tem o direito de me tratar como lixo. “O pessoal da limpeza tá puto com ele”. Com razão, os *negros* da limpeza estão convocando uma assembleia, estão certos, mas estou decidindo se devo ir. “Quando os pretos se reúnem, ainda mais da limpeza, só dá merda”. Mas estão certos, vamos trabalhar mais com o novo contrato de trabalho, e recebendo o mesmo salário, mas sem o adicional de horas extras. “E nos sábados e domingos”. Sem contar a renegociação das férias e décimo terceiro. Por isso o Carlos, do sindicato, está convocando a reunião. É um sujeito inteligente. “É preciso ficar arisco com essa gente de sindicato”. Não é? Sei não. O Carlos diz que sem o sindicato a gente não é nada, não tem força para exigir melhores condições de trabalho. “Faz sentido”. Mas se o patrão não aceitar, não negociar, demite todo mundo. “E tem um monte de gente desempregada lá fora”. Sim. Quem não é rico, tá pobre nesse país. “E tá difícil para todo mundo”. Não vê.

A moradora do 205, doutora Virgília, tem um carrão, três filhos na escola particular e sete meses de condomínio atrasado. “Dizem que o marido largou a família”. E quem não sabe, foi um escândalo. “Tá todo mundo fodido nessa porra

de país, quem não está é porque está fodendo alguém”. E é isso que me revolta. Ninguém se importa com ninguém, tudo é dinheiro, dinheiro e poder. Se a gente não se revoltar, “perde o emprego”. Mas não dá para aceitar essa situação. Antes a gente recebia vale-transporte, agora dizem que não podem mais pagar, que é preciso negociar. O quê? A nossa miséria de salário. O Carlos é preto, mas tem razão. “Ele não é preto-preto, é meio assim branco-preto, café com leite”. Mais leite do que café. “Mas o cabelo não nega a mulata”. Ih, olha ali, é ele descendo as escadas do salão de festa.

— Ei, Celestino, quero falar com você.

E agora? O que ele quer comigo? Vai querer falar sobre a reunião, tenho certeza. Porra!

— Bom dia, Celestino. Está tudo bem contigo?

— Uai, sim, por quê?

— Está sabendo da nossa reunião hoje à tarde?

— Estou sim.

— E você vai?

— Que horas vai ser?

— Duas da tarde. Você entende a importância dessa reunião para a nossa classe?

“Ele está te ameaçando”?

— Celestino, nós temos nossos direitos, como trabalhadores, funcionários desse condomínio, direitos assegurados pela Constituição Trabalhista, não podemos aceitar que imponham essa reforma do nosso regime de trabalho. A gente vai perder os trinta dias de férias, abonos do décimo terceiro, vale-transporte. Não é assim não. Além de ilegal, é imoral.

O safado fala bonito. Claro. Eu entendo. Ele estuda. Gente ambiciosa. Trabalha na limpeza durante o dia e faz Faculdade à noite. Foi contratado dois anos atrás. Lembro que o Doutor Felipe o apresentou com todo orgulho, até parecia filho dele. E agora isso. As traições da vida. Ele é muito novo ainda.

— Celestino, temos que nos unir, pois unidos somos invencíveis. Pense nisso.

Frase bonita. “Unidos somos invencíveis”. Soa tão forte. Dá até para acreditar. Mas e se ninguém for? Medo. Desemprego. O pessoal da portaria já disse que não vai. Disse também que o Carlos é maconheiro. Mas o pessoal da portaria é puxa-saco do patrão. “Sim, sim senhor para lá e sim, sim senhor para cá toda hora”. Sendo humilhados. Veja como a moradora do 696 trata o criolinho da portaria, e todo dia o trouxa carrega as sacolas dela. E os porteiros transferem as humilhações sofridas para a gente da limpeza. Não são unidos.

Vou cuidar do meu trabalho. Aí vou pensando melhor. “O Carlos não tá errado não”. Devo ir. “Mas e se ninguém for?” Ficar eu lá. Não vale a pena arriscar não. E se todo mundo for, e eu não? O pessoal vai dizer que sou pelego. Mas o certo é o certo, não tem errado. Dá pra confiar? “Lembra o livro que a Dona Alice te explicou aqui na piscina, semana passada”. O dos bichos da fazenda, se revoltaram contra os patrões, que tratavam os bichos mal, só exploravam a força de trabalho dos animais. “Os porcos eram os mais inteligentes”. Como a Dona Alice chamou eles? “Os líderes da revolução”. Mas no final, os porcos são iguais ao patrão. Igual ao Carlos.



Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em junho de 2022.

